



BORTONI-RICARDO, Stella Maris [et al.] (orgs.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 256 páginas, 2014.

## UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE O ENSINO DE GRAMÁTICA

*Fabício José da Silva<sup>1</sup>*

*Universidade Federal de Alfenas*

*(fabriciojosesilva48@gmail.com)*

*Apoio SESU/MEC - Programa de Educação Tutorial*

Não é fácil conviver, no ensino/aprendizagem, com a dicotomia *certo/errado*, especialmente quando se depara com questões que emergem do ensino de sintaxe da Língua Portuguesa sob o prisma da normatividade desta. Conviver, nesse contexto, implica pensar a gramática para além da teoria, ou melhor, pensar o ensino de gramática observando sua natureza funcional. Por consequência, discutem-se valores atribuídos pela sociedade à padronização da Língua Portuguesa, bem como valores e legitimidade que, reciprocamente, moldam a visibilidade da variante de prestígio.

*Por que a escola não ensina gramática assim?* parte da motivação de que pensar o ensino de gramática requer, do professor de Língua Portuguesa, a observação do uso da língua, de modo a questionar os valores que comumente se veem conferidos à variante de prestígio. Para tanto, estudos e pesquisas subjacentes à Sociolinguística e à funcionalidade da língua ganham notoriedade no decorrer da obra.

Constituída por nove capítulos, dos quais se seguem uma breve introdução e uma pequena conclusão a respeito de cada tema abordado em sua unidade, a obra se destaca evidentemente pelo viés didático. Com sugestões práticas e comentários teóricos adotados pela linha de pesquisa das organizadoras, são contemplados aspectos que tratam desde a coesão referencial a erros gramaticais e inovações decorrentes da funcionalidade da língua. A obra figura, pois, como um prático guia cujas orientações se dão por meio da observação do uso da língua.

Doutoras, pesquisadoras da Sociolinguística e da Linguística Aplicada, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Rosineide Magalhães de Souza, Vera Aparecida de Lucas Freitas e Veruska Ribeiro Machado têm atuado resumida e essencialmente nos seguintes temas: Sociolinguística, Letramentos Múltiplos e formação de professores. Agora, apresentam-nos um didático e clarificador texto a respeito do ensino de gramática na escola sob a perspectiva da pedagogia contemporânea. Ademais, a obra também conta com a participação colaborativa de vários pesquisadores inseridos na mesma vertente das organizadoras.

---

<sup>1</sup>Graduando em Letras - Português e suas Literaturas na UNIFAL-MG. Atua como bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET/Letras (MEC-FNDE).



Embora a obra se concentre em pensar a gramática a partir do uso da língua e suas variadas funções, também não deixa de considerar a significativa importância que decorre desta: a produção de textos. Portanto, para que se construam textos coesos, os conceitos de coesão merecem relevo, a saber: a coesão referencial e a coesão sequencial. Enquanto o primeiro faz remissão a outro(s) elemento(s) do texto, o segundo, por sua vez, refere-se aos diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas estabelecidas entre os segmentos do texto. Observando a preocupação concernente à escrita, a obra dialoga, em grande medida, com Possenti em *Por que (não) ensinar gramática na escola* (1996), uma vez que o domínio do texto também é objeto singular a ser contemplado nas aulas de gramática, assim como nos é proposto pelo referido autor.

Em contraste com a perspectiva estruturalista, iniciada por Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral* (1999), a obra filia-se, como dito anteriormente, à perspectiva funcionalista, visando, pois, ao funcionamento da língua como consequência de seu uso. No segundo capítulo, “A topicalização e outros deslocamentos - aspectos morfossintáticos e semânticos,” as autoras demonstram uma preocupação primária no que diz respeito às terminologias: os alunos acabam por não entender o porquê das definições e como essas podem ajudá-los. Com vistas à abordagem dessas terminologias, as autoras, a título de exemplo, trocam o conceito de “erro gramatical” por “inadequação ao contexto linguístico.” A intertextualidade faz-se presente nesse capítulo no momento em que a autora faz menção a Ferrarezi Jr. e Teles em *Gramática do Brasileiro* (2009), ao lembrar que, em hipótese alguma, pregam o abandono das gramáticas normativas. Para a autora do capítulo, assim como para Ferrarezi Jr. e Teles, a modalidade falada da língua possui características próprias que se distanciam da modalidade escrita.

Mais adiante, a obra também dialoga, uma vez mais, com Ferrarezi (2012) ao explicitar como a cultura constitui-se fator determinante da linguagem. Em *Qual é o problema das gramáticas normativas?*, o autor reúne uma série de estudos com os quais se podem constatar contradições inerentes à gramática normativa, haja vista que esta, para o autor, desconsidera o uso real da língua. No dizer das autoras, Ferrarezi (2012) não estaria apregoando o abandono das gramáticas normativas, ainda que este citasse inúmeras falhas concernentes àquelas. Nesse sentido, tendo em vista as contradições da gramática normativa, para as autoras, “essa atitude de restringir as aulas de língua portuguesa ao ensino das regras da gramática normativa é, no mínimo, ineficaz, porque ignora a prática linguística real, trata a língua como objeto isolado da realidade” (p. 106). Em que pesem às ressalvas das autoras sobre o abandono da normatividade, o leitor imaturo pode correr o risco de limitar-se a uma perspectiva apenas.

A obra também dialoga com Travaglia (2009) ao citar a relevância de se considerar a interação como parte dos processos comunicativos nos estudos da língua(gem), como bem nos mostra *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática* (2008). Nas palavras das autoras, “a gramática tradicional não dá conta do aspecto interacional da língua, dado que não contempla as diversas situações de uso” (p. 121). À vista disso, a obra mostra-se como mais uma tentativa de (re)conhecer a relevância dos processos interacionais deliberados a partir do uso da língua, com enfoque, notoriamente, sobre o olhar sociolinguístico.



O fenômeno da hipercorreção também se afigura como um norte no decorrer da obra, uma vez que seria o resultado das regras impostas pelos normativos. Munida de referencial teórico-esclarecedor, a leitura da obra propõe o entendimento de que quando o falante erra, querendo acertar, seria o resultado da insegurança decorrente da norma padrão na medida em que se insiste em mudar o modo como se fala. Por representar sobejamente os estudos sociolinguísticos, as autoras, ao mesmo tempo, também estabelecem um paralelo relacionado ao preconceito linguístico, tema de maior ênfase em Bagno: *Preconceito linguístico: O que é, como se faz* (1999). À guisa de conclusão, pontuam o fato de que os alunos não devem, portanto, ter vergonha do seu jeito de falar.

Os capítulos que tratam sobre o uso da concordância de número e dos verbos impessoais refletem a tentativa de se conceber a linguagem como mecanismo de interação no mundo. No dizer das autoras, às claras, todos sabemos que conseguimos falar e compreender o português independentemente do modo como se fala. Na medida em que os normativos prescrevem o falar “certo” da língua, sua piedade para com a ocorrência do fenômeno da hipercorreção tende a diminuir. Nisso se resume o pensamento defendido pelas autoras. Portanto, assim como nos é mostrado nas considerações finais, a obra determina que o estudo da gramática não seria o caminho para se chegar ao bom uso da língua, tampouco, à interação social. Determina, para mais, que o melhor caminho seria a leitura; embora ainda existam inúmeros leitores não dominantes da modalidade escrita da língua.

São múltiplos os saberes que se podem adquirir após a leitura desse livro e são muitas as novidades que traz à tona, ao questionar valores atribuídos à normatividade da língua, especialmente numa época em que não se aceitam e não se pesquisam outras perspectivas de ensino de língua materna, correndo o risco de limitar-se a apenas uma, o de não respeitar e desconsiderar outras variantes. Didática, coerente e sustentada pela Sociolinguística, essa obra é fundamental para aqueles que desejam lecionar ancorando-se nos estudos funcionalistas, como também para aqueles que, mesmo sendo normativos, concebem a língua como mecanismo de interação social.

Recebido em: 16/07/2020

Aceito em: 06/08/2020



## Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: edições Loyola, 1999.

FERRAREZI, Jr. C; I. M. **Gramática do brasileiro: uma nova forma de entender a nossa língua.** São Paulo: Globo, 2008.

FERRAREZI JR., Celso. **Qual é o problema das gramáticas normativas? - 1ª edição.** Santos:Artefato Cultural, 2012.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras : Associação de Leitura do Brasil, 1996.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral.** Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.** 14. ed. - São Paulo: Cortez, 2009.